

O ROMANCE: INTERAÇÕES E INTER-RELAÇÕES NAS TEORIAS DE GOLDMANN E BAKHTIN

THE NOVEL: INTERACTIONS AND INTERRELATIONSHIPS IN GOLDMANN AND BAKHTIN'S THEORIES

Marcos Aparecido Pereira ¹

Epaminondas de Matos Magalhães²

Resumo: Este ensaio discute o romance na perspectiva de Lucien Goldmann e Mikhail Bakhtin, procurando nos apontamentos desses teóricos a base para a compreensão desse gênero em diferentes perspectivas de estudo e, portanto, buscando compreender o gênero romanesco e sua interação e inter-relação com o ser humano e seu mundo.

Palavras-chave: Romance; Goldmann; Bakhtin.

Abstract: This essay discusses the novel from the perspective of Lucien Goldmann and Mikhail Bakhtin, looking at their thought basis for understanding this genre from different perspectives of study and, therefore, seeking to comprehend the novel and its interaction and interrelation with the human being and his world.

Keywords: Novel; Goldmann; Bakhtin.

Em *Sociologia do Romance e Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, Lucien Goldmann e Mikhail Bakhtin, respectivamente, discutem o romance, essa criação literária tão representativa do ser humano e, ao mesmo tempo, de tanta receptividade na sociedade. Procurando entender o surgimento, a formação e a constituição desse gênero literário, os apontamentos desses dois teóricos são, ainda, base para a compreensão do romance em diferentes perspectivas de estudo (social, cultural, linguística, econômica etc.). Deste modo, a partir do exame dessas obras, buscou-se compreender o gênero romanesco e sua interação e inter-relação com o ser humano e seu mundo.

O sociólogo Lucien Goldmann, fundamentado especialmente nas teorias marxistas, dedicou-se ao estudo das estruturas sociais, suas transformações históricas e as relações de

produção no universo cultural. De modo geral, esse autor procurou analisar de forma crítica as ligações entre o desenvolvimento da economia de mercado e a ideia de um indivíduo autônomo e autêntico. Publicou *Sociologia do Romance* em 1964, livro no qual, a partir da análise de romances de Malraux e de um breve estudo de histórias de Robbe-Grillet, o autor buscou estabelecer os princípios orientadores de um estudo do romance sob o olhar sociológico. De acordo com seu estudo, a criação artística jamais seria individual e sempre teria bases na realidade da vida social e no esforço dos grupos sociais de solucionar determinados problemas. O trabalho do escritor, nesse caso, seria apreender os pontos essenciais da realidade em sua obra, sem, contudo, estabelecer um tipo de homogeneidade entre o pensamento social e a criação.

Nessa obra, Goldmann defende uma “homologia” estrutural direta entre as estruturas do mercado capitalista e as do gênero romanesco, sem passar pela mediação de uma consciência coletiva, pois centra sua abordagem num sujeito formado pelas condições históricas e sociais. Deste modo, há no romance, segundo o autor, a transposição da vida cotidiana de uma sociedade individualista, nascida da produção para o mercado. Assim, a criação artística surgiria como um tipo de resposta significativa e articulada aos problemas da vida social, uma vez que está no bojo da criação artística explicitar as elaborações sociais dos próprios grupos sociais, impulsionando-os à reflexão e à conscientização, portanto, jamais à resignação e ao abrandamento.

É necessário mencionar que enquanto método científico, o estruturalismo genético tem como foco a análise da totalidade estrutural do objeto observando as relações dialéticas que se estabelecem entre o todo e suas partes. Nesse sentido, vale lembrar que o pensamento de Goldmann sofreu influência da epistemologia genética de Jean Piaget e, também, da obra de Georg Lukács acerca do romance.

Dessa forma, para o autor, o estruturalismo genético, teria a capacidade de fomentar estudos entre a unidade expressa pela criação e a evolução social. Nesse viés, o pensador apresenta o ser humano como um sujeito de classes sociais que só poderia ser autêntico na medida em que se situasse numa dimensão transindividual histórica ou transcendente. De tal modo, as visões de mundo das pessoas nas diferentes classes sociais se inserem diretamente entre a vida econômica e as criações artísticas de determinada cultura, justificando o argumento de que a criação literária é coletiva, haja vista que suas estruturas internas seriam homólogas às estruturas mentais de determinados grupos sociais, que, por sua vez, têm suas origens nas relações econômicas instaladas na sociedade.

Não se limitando a procurar uma correlação entre as obras e o *conteúdo* da consciência coletiva, o teórico aplicou um tratamento historicista à *forma*, apostando na correspondência entre as categorias estruturantes da criação literária e essa consciência. Além disso, para ele, no romance, ao contrário da epopeia, o herói luta por si, representando seus valores individuais, buscando resolver seus próprios conflitos e interesses.

De acordo com Goldmann, no romance há a representação da busca de valores autênticos de uma sociedade que, por sua vez, é desprovida de autenticidade. Esse autor compreende que o herói, em sua busca por valores autênticos, rompe com a comunidade, sem, contudo, romper totalmente com ela. Afinal, o herói é uma construção artística de um mundo degradado e, especialmente, é uma elaboração de um sujeito, o escritor, que também é proveniente dessa mesma sociedade degradada, sendo que os pensamentos e comportamentos do escritor não são capazes de escapar do poder degradante do mercado. Portanto, o resultado só pode ser a contaminação das relações estabelecidas e a impossibilidade de encontrar e/ou de representar valores autênticos nesse mundo.

Por entender o romance e suas representações a partir da dinâmica das classes sociais e das relações de poder presentes nas estruturas da sociedade capitalista, Goldmann afirma que as disputas sociais fazem parte da gênese de criações culturais que se apresentam fundamentadas numa íntima relação da estrutura e dos valores da obra. O autor compreende que os valores autênticos estão presentes apenas na mente do escritor, de forma abstrata, e que é impossível concretizar esses valores na obra, logo, o romance nasce de forma degradada, e, conseqüentemente, o herói idem. Fato que ajuda a explicar as origens do que ele chama de herói problemático, ou seja, um personagem que busca quase que inutilmente por valores autênticos.

Por meio de uma análise profunda da economia de mercado e suas modificações sucessivas, Goldmann afirma que depois de provocar a criação de obras de ficção onde o individualismo representava um valor, o capitalismo deu origem a obras em que o herói problemático confrontou seu destino com valores e ideologias que desafiaram a sociedade burguesa. É necessário destacar também que para esse autor o romance está entre a tragédia e o épico, e o personagem fictício será, essencialmente, problemático, como destacado anteriormente; entretanto, à medida que avança em sua análise, o teórico expõe que o romance passa a apresentar a dissolução do personagem, como em obras de Kafka, Joyce e Musil. E, mais adiante, ele afirma que o romance passa a ressaltar a “coisificação”, ideia em que os objetos ganham destaque e autonomia em relação aos seres humanos. Essa condução

interpretativa fragiliza em muitos aspectos o argumento de Goldmann pela evidente composição de obras literárias, no século XX, em que essa “coisificação” é questionável, seja na literatura francesa, na inglesa, e mesmo na brasileira.

O teórico expõe, ainda, que o romance, seu mundo de absurdos e de autonomia dos objetos ilustra o fenômeno da reificação, neste caso, entendido por ele como um processo psicológico permanente e que tende a se intensificar socialmente. Nesse tipo de sociedade, as forças ativas de produção são exercidas apenas em nome do valor de troca e a comunicação humana ocorre somente através do fetichismo, como ilustra Goldmann com base nas teorias de Marx sobre o fetichismo de mercado, sendo que nessa teoria as relações sociais são baseadas em relações econômicas, no dinheiro, em *commodities* e em negociações de mercado.

Por outro lado, o filósofo russo Bakhtin, compreendendo o mundo e as relações constituídas entre os indivíduos por meio da linguagem, elaborou uma vasta produção sobre questões estéticas, literárias e outras concernentes ao poder da palavra enquanto discurso. Formulou conceitos amplamente discutidos e conhecidos como polifonia, dialogismo, carnavalização, dentre outros.

A obra *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* compõe-se de um conjunto de ensaios nos quais o autor avalia, sobretudo, as formulações do material, do conteúdo, da forma, do espaço e do tempo na composição do romance. Deste modo, ao debruçar-se sobre um grande número de obras, o autor tece reflexões sobre o fazer literário e sobre a lógica imanente à criação literária em seus contextos de significação, deixando clara a necessidade de analisar os fenômenos literários de forma indissociável dos demais fenômenos culturais. A percepção de Bakhtin é que o romance seria uma forte e rica expressão histórica, um modelo de funcionamento da sociedade, e, portanto, da cultura.

Ao considerar a palavra o ponto central de toda manifestação humana, perpassando pela construção do conhecimento, do próprio indivíduo e de outrem, da concepção de mundo do sujeito, e, conseqüentemente, de todo o contexto cultural que o rodeia, sendo, portanto, uma elaboração ideológica, o teórico deixa claro que é na relação dialógica que, também, o gênero romanesco, a exemplo de toda e qualquer inter-relação humana, é edificado. Logo, a palavra no romance é ao mesmo tempo objeto e instrumento de representação e, por consequência, o objeto estético que se forma, o romance, só pode ser um modelo da realidade social, um modelo que abriga imagens, diferentes, diversas, antagônicas, reveladoras e multiculturais.

Ao refletir sobre o romance, Bakhtin destaca-o como sendo de uma categoria literária superior, quase inigualável, dado seu caráter de plasticidade, de absorção de outros gêneros, mas principalmente pela permanente renovação de seus próprios moldes. Neste ponto reside, de acordo com o pensador russo, a dificuldade de determinar seus limites e estabelecer uma teoria do gênero. Por ser um gênero em constante inacabamento, os estudos sobre o romance também o são, fato que impede a consolidação de estruturas e normas convencionadas de maneira estanque, o que, por sua vez, coloca em xeque a própria definição de estabilidade dos gêneros. Ao contrário de outros gêneros, para o autor, a verdadeira premissa do romance é a estratificação interna da linguagem, o que o torna uma construção plural nos níveis estilístico, discursivo e linguístico.

Sendo encontro e cruzamentos de vozes, o romance é exemplo de alteridade genuína, um terreno em que há uma multiplicidade de contradições e de tensões, um jogo em que o discurso do sujeito é formado por um conjunto múltiplo e heterogêneo de vozes que dialogam inseridas dentro de determinado contexto sociocultural. Vozes essas que se constituem de consciências autônomas que travam entre si diálogos em nível de igualdade. Desta forma, é apenas na relação dialógica das consciências que o romance ganha suas formas arquitetônicas, ou seja, é por meio dessa relação que o objeto estético ganha os contornos que compõem o conteúdo, portanto a palavra, o discurso, é que une forma e conteúdo. E se a palavra é a gênese ideológica do romance, se o axioma essencial deste é a estratificação da língua e, de igual maneira, de seus grupos sociais, e se através desses (língua e sujeitos), a relação dialógica possibilita a formação do objeto estético em questão, então, seria possível dizer, com base nos apontamentos de Bakhtin, que o romance é a representação estratificada discursivo-cultural em determinado tempo.

Enquanto a epopeia, segundo Bakhtin, seria um gênero ligado ao passado, à memória, o romance estaria ligado ao presente e seria, desta maneira, uma forma de conhecimento e interação com o mundo, afinal, sendo resultante de um processo dialógico, o herói jamais está isolado; suas ideias e ações, tampouco. Os elementos que constituem o romance estão interligados e emaranhados numa complexa teia de significações ideológicas em que tempo e espaço estão em uma relação de interdependência, portanto, para Bakhtin, essas duas categorias são essenciais na produção estética do romance.

O autor ainda pontua que o romance é a única forma de representação da realidade moderna que seja adequada, pois é a única capaz de expressar um presente eterno. O romance cria um mundo presente, ainda que remodelando o passado e permanece vivo a despeito da

constante metamorfose do indivíduo. Deste modo, o gênero romanesco nasce ligado ao presente, ao não oficial e à profanação, ao contrário, do gênero épico, por exemplo, que se fundamenta num passado legítimo e glorioso, normalmente. E como o romance prolonga o presente, ele tende, portanto, a apontar para o futuro, predizendo-o e influenciando-o.

Bakhtin faz questão de destacar a origem cotidiana e coloquial do romance, isto é, ele surge quando o tempo presente se torna o ponto de partida das preocupações estéticas e ideológicas. Desta forma, nascido das experiências cotidianas, o romance carrega essas experiências em seus enredos. O herói é cotidiano, com vivências do dia a dia, que, por sua vez, são fundamentalmente organizadas ao redor do espaço-temporal. A ação em relação ao tempo e ao espaço é denominada pelo autor, cronotopo. Deste modo, o tempo e as interações em relação a este tempo, com outrem, em determinado espaço, deixam marcas no herói, que, por sua vez, está em constante transformação, e tem sua vida representada em seus momentos de crise e de ruptura. O homem ganha consciência de si e do outro no romance, sua jornada é ao mesmo tempo interna e externa num processo de descobertas e ressignificações de destinos não-traçados de antemão.

Ao analisar os apontamentos de Goldmann é possível perceber que o conceito de “sociedade degradada” não fica especificamente claro. Assim, cabe-nos perguntar: o que seria uma sociedade *não-degradada* e quais seriam os valores autênticos nesta sociedade? De igual maneira, gostaríamos de destacar a figura do herói problemático, que nada mais é do que a representação de um ser humano numa construção estética situada em determinado tempo e espaço. Logo, talvez fosse possível ponderar que o herói do romance não é problemático e sim essencialmente humano, vivendo e sobrevivendo aos dramas e experimentações da vida social moderna. Somos a eterna imagem de Diógenes de Sínope procurando “a verdade”, seja no mundo real ou ficcional. De maneira empírico-pilhérica poderíamos dizer que o ser humano que não tivesse “problemas”, ou seja, não buscasse algo, esse sim seria “problemático”.

Desta forma, o herói do romance não deve ser visto como incompatível ao seu mundo, da mesma maneira que não existe ser humano que seja inteiramente e completamente anuente ao mundo. Muito pelo contrário, ele é um ser que responde e pergunta, é um ser que dialoga e, pelo diálogo consigo, com outrem e com as instâncias ideológicas instaladas, é um ser que age em seu espaço e tempo, toma atitudes, faz reflexões e vive em direção a um futuro de possibilidades que enriquecem a experiência humana (sua e do leitor). Além disso, o herói talvez não surja como resposta a um problema, como afirma Goldmann, mas sim da

necessidade de representação que carregamos de nossos mais distantes ancestrais que faziam isso de forma oral. O homem tem a necessidade de projetar a si e ao seu universo e, através da projeção, tem o desejo e a possibilidade de compreender-se em suas mais diversificadas facetas no mundo e, portanto, ao mundo. Talvez esse seja o princípio de todas as respostas perseguidas.

Se o capitalismo forneceu as estruturas econômico-sociais para o surgimento e a popularização do romance, foi pela plasticidade e maleabilidade de incorporar o homem cotidiano, seus dramas, sonhos e reflexões que o romance ficou e tende a ficar na história do mundo e da literatura. Obviamente os fatores econômicos foram fundamentais para que o gênero romanesco desabrochasse e se fortalecesse, contudo, reduzir a esta perspectiva a complexidade das relações estabelecidas dentro das mais diversas formas de representação das sociedades e de suas culturas parece simplificador, pois desconsidera, por exemplo, o movimento constante e a interdependência entre as classes sociais, isso sem contar os demais fenômenos culturais.

O romance, sendo um gênero vivo, dinâmico, adaptável e inacabado, talvez seja o gênero mais parecido com o próprio ser humano, uma vez que ele também está em constante evolução e toda e qualquer busca de definição jamais consegue abarcar toda a multiplicidade existente, haja vista que tanto fatores internos quanto externos e a maneira como eles são processados interferem na natureza do resultado de criação e produção de sentidos no objeto estético literário.

Somos seres de linguagem e muito antes que as noções do mercado capitalista surgissem já éramos seres definidos pela linguagem e pela significação ideológica que cada palavra carrega em seu âmago, portanto, toda e qualquer representação humana no romance tem seu ponto central na palavra. É a palavra que usamos para realizar a criação literária, é ela que dá a possibilidade de o artista subverter a lógica das perspectivas estabelecidas culturalmente e dar vida, mas principalmente, voz a personagens que abalam (e abalaram) as estruturas do pensamento e da percepção das relações humanas com o universo real, mas, em alguns casos, também imaginário que o rodeia.

O romance é, sim, uma forma privilegiada de representação da realidade, talvez não única, da maneira como afirma Bakhtin, mas decididamente privilegiada, pois sua elaboração configura-se articulada à nossa enquanto seres humanos: reconfigurando o passado, vivendo o presente e projetando o futuro em cada ato de fala e em cada ação realizada.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura estética**: a teoria do romance. São Paulo: Unesp, 1993.

GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.